

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

**ADELSON SANTANA DE OLIVEIRA**

**A INVEJA EM *O CORTIÇO***

**Análise de uma paixão humana na relação dos personagens Miranda e João Romão**

João Pessoa

Junho 2018

ADELSON SANTANA DE OLIVEIRA

**A INVEJA EM *O CORTIÇO***

**Análise de uma paixão humana na relação dos personagens Miranda e João Romão**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Língua Portuguesa junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Orientação: Professor Doutor Expedito Ferraz Junior

João Pessoa

Junho 2018

ADELSON SANTANA DE OLIVEIRA

**A INVEJA EM *O CORTIÇO***

**Análise de uma paixão humana na relação dos personagens Miranda e João Romão**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Língua Portuguesa junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Data: 07 de junho de 2018.

**Banca Examinadora:**

---

Professor Doutor Expedito Ferraz Junior  
Orientador

---

Professora Doutora Vanessa Neves Riambau Pinheiro  
Examinadora

---

Professora Doutora Maria Bernardete da Nóbrega  
Examinadora

---

Professor Doutor Pedro Farias Francelino  
Suplente

João Pessoa  
Junho 2018

**Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação**

O48i Oliveira, Adelson Santana de.

A Inveja em O Cortiço - Análise de uma paixão humana na relação dos personagens Miranda e João Romão / Adelson Santana de Oliveira. - João Pessoa, 2018.

31f.

Orientação: Expedito Ferraz Júnior.

Monografia (Graduação) -

UFPB/CCHLA.

1. Inveja, paixão, admiração, cobiça, Naturalismo. I. Júnior, Expedito Ferraz. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Especial agradecimento a meu orientador pela solicitude e paciência de me guiar neste trabalho último de percurso.

Aos meus pais e familiares pelo compartilhamento em comum do porto seguro da vida.

Aos professores e toda comunidade acadêmica pela doação de conhecimento convívio.

A ideia de uma entidade Divina por um sem número de símbolos que me instigam.

Título: A Inveja em *O Cortiço* - Análise de uma paixão humana na relação dos personagens Miranda e João Romão

Autor: Adelson Santana de Oliveira

Orientador: Professor Doutor Expedito Ferraz Junior

### Resumo

O objetivo deste trabalho é a apresentação de uma análise literária da temática da inveja no romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, na interação dos personagens João Romão e Miranda. Como principal fundamentação teórica da pesquisa, recorre-se ao ensaio *A inveja*, escrito por Renato Mezan e publicado no livro *Os Sentidos da paixão*, organizado por Adauto Novaes<sup>1</sup>. Também se faz uso de alguns textos da fortuna crítica da temática e da obra em estudo.

Como procedimento de análise, são destacados os diversos episódios de ocorrência da inveja no enredo, buscando-se estabelecer relações entre tais passagens da obra e o seu significado na composição do perfil dos personagens, bem como sua importância no desenvolvimento da ação no enredo e no argumento estrutural da obra como um todo.

Palavras chave: Inveja, paixão, admiração, cobiça, Naturalismo.

---

<sup>1</sup> MEZAN, Renato. "A inveja". In: NOVAES, Adauto (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 128-155.

## Abstract

The objective of this work is the presentation of a literary analysis of the theme of envy in the novel *O Cortiço*, by Aluísio de Azevedo, in the interaction of the characters João Romão and Miranda. The main theoretical basis of the research is the essay *A Inveja*, written by Renato Mezan and published in the book *Os sentidos da Paixão*, organized by Aduino Novaes. Some texts of the critical fortune regarding the subject and the literary work under study are also made use of.

As a procedure of analysis, the various episodes of envy in the plot are highlighted, seeking to establish relations between such passages of the work and its meaning in the character profile composition, as well as its importance in the development of the plot action and in the structural argument of the work as a whole.

Keywords: Envy, passion, admiration, greed, Naturalism.

## Sumário

1. Introdução.....	9
2. Breve contextualização histórica de <i>O Cortiço</i> .....	11
3. Mapeamento da categoria na obra.....	14
4. A inveja – categoria em análise.....	18
4.1. Breve historicidade da categoria.....	19
4.2. Mezan em <i>O Cortiço</i> – acepções e correlações .....	21
4.3. Invejosos invejados – a infelicidade dos iguais .....	25
4.4. E a inveja boa? .....	27
5. Considerações finais.....	30
6. Referências .....	31

## 1. Introdução

O romance *O Cortiço* é a obra mais importante do naturalismo brasileiro, um desdobramento contundente do realismo. O objetivo dos naturalistas era uma crítica firme e veemente de uma realidade viciada. Fiel a esses ideais, a obra é a mais vigorosa e complexa dessa estética literária: a relação do ambiente na formação da conduta social é apresentada de forma condicionante. O meio é apontado como fator determinante das atitudes do homem em sociedade. Nessa obra podemos observar um panorama naturalista completo, um dos principais motivos de sua escolha como objeto de análise. A narrativa é marcada por uma linguagem coloquial, com variação temática a exemplo da violência e da exploração social como um enfoque múltiplo da realidade. Nela são explicitados os mais diversos comportamentos e paixões humanas, dentre elas a inveja, explorada como instrumento de conflito das relações sociais, fato que embasa a escolha dessa categoria como uma das mais pertinentes para a caracterização dos personagens em tela.

A inveja exerce papel principal no enredo e nas ações dos dois protagonistas, além de aparecer de forma esporádica em momentos diversos. Determina e marca o principal conflito da obra, que se apresenta entre os protagonistas Miranda e João Romão. Ao lado de outras vicissitudes, a inveja se revela responsável pela transformação da personagem João Romão, o que é possível perceber na análise de seu processo de ascensão, comparado à aparente estabilidade social de Miranda. Nessa medida, a obra também sugere que, do conflito e de todo o jogo que as paixões presentes no enredo se permitem (concomitantes com a inveja), há a construção permanente de um ambiente de indiferença como característica estrutural do romance.

O desfecho da obra sintetiza toda construção da indiferença e da insensatez entre as pessoas. As virtudes são banalizadas diante da natureza humana submissa às paixões. Colocadas como exponenciais na definição do percurso da vida em sociedade, as paixões em *O cortiço* são retratadas a serviço da sobrevivência, meta que desconhece limites éticos.

Diante do exposto, consolidamos que uma obra que retrata de forma veemente o ser humano submetido às paixões se mostra sobremaneira adequada para tratarmos de uma categoria tão comumente observável nas relações interpessoais que é a inveja. Outra motivação provém da ausência de trabalhos com abordagem da temática da inveja em tão importante produção literária. A riqueza numérica e qualitativa das ocorrências, como também a importância da categoria no entendimento dos personagens mais próximos do poder, também balizam a escolha dessa interação para análise. Igualmente, a inserção do tema

da inveja ao longo da narrativa e, mais precisamente, as ocorrências elucidativas explicitadas na conflituosa relação de dois personagens protagonistas não deixa dúvidas quanto ao mérito valorativo dessa paixão na composição desta obra como argumento naturalista. O romance permite a aplicação adequada da fundamentação teórica, cuja conceituação, exemplificação e classificação proporcionam uma observação satisfatória da categoria na obra.

## 2. Breve contextualização histórica de *O Cortiço*

A chegada do ideário determinista do darwinismo social<sup>2</sup> marcou o século XIX, pensamento em voga, à época, tendo como fundamento original a teoria da seleção natural do naturalista inglês Charles Darwin. Esse movimento ideológico transferiu para outras áreas, como sociologia, psicologia, filosofia, por exemplo, os fundamentos da teoria da evolução através de interpretações distorcidas do real postulado darwiniano.

Para a ideologia burguesa justificar e legitimar certas disparidades sociais, como as desigualdades, foi necessário eleger um fator determinante na competição das espécies na luta pela sobrevivência, extraindo explicações do campo científico para aplicação no campo das relações sociais. Assim, foi feita a analogia entre a ideia do mais *adaptável* ao meio natural e o homem produto do meio social, numa aplicação mecânica de um postulado científico, dado como inquestionável, às relações de classes e grupos sociais. Passou a ser observada, assim, a interferência da vida social na ação do homem, mas tendo sempre em vista a intenção de usar tais analogias para explicar a origem da pobreza e do insucesso das classes despojadas de bens.

O fenômeno da sobrevivência passou a ser elencado como modulador das ações humanas, explicando a evolução de toda a sociedade, aos mesmos moldes da evolução biológica dos seres, como se ambos os movimentos fossem regidos pelos mesmos princípios.

Tais concepções, que definem o comportamento humano como resultado das condições biológicas e sociais, num momento histórico de efervescência do pensamento cientificista, não poderiam ter deixado de transitar no universo artístico. Nesse contexto, o naturalismo é a escola literária que melhor representa essas premissas. A França destaca-se como o berço dessa escola, com reverberação muito rica no Brasil, no último quartel do século dezenove, provocando a adesão de vários escritores. No naturalismo constata-se com mais veemência a defesa desses postulados que no realismo, escola literária coexistente à época, também vinculada a esse ideário. A justificativa da condição humana como resultado das leis naturais destaca o naturalismo como o radicalismo ou o exagero da escola realista.

É comumente aceita, entre os teóricos, como gênese francesa do naturalismo, a obra *Germinal*, de Émile Zola, de 1870, com influência em vários países. Fazendo uma

---

<sup>2</sup> Herbert Spencer (1820 – 1903) filósofo, biólogo e antropólogo inglês, é considerado o “pai do Darwinismo Social”. Foi um profundo admirador da obra de Charles Darwin. É dele a expressão “sobrevivência do mais apto”, e em sua obra procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana. Fonte: [http://www.revistamediacao.com.br/repositorio/volume\\_03/A\\_influencia\\_do\\_paradigma\\_biologico\\_na\\_filosofia\\_entre\\_o\\_finaldo\\_seculo\\_xix\\_e\\_inicio\\_do\\_seculo\\_xx.pdf](http://www.revistamediacao.com.br/repositorio/volume_03/A_influencia_do_paradigma_biologico_na_filosofia_entre_o_finaldo_seculo_xix_e_inicio_do_seculo_xx.pdf)

interdiscursividade com Zola, a publicação de *O Cortiço*, em 1890, consagrou a escola naturalista no Brasil. Como afirma Antonio Candido, *O Cortiço* narra “*histórias de trabalhadores pobres, alguns miseráveis, amontoados numa habitação coletiva.*” (CANDIDO, 1998, p. 112).

De temática variada, *O cortiço* é um texto original não apenas pela consolidação de uma nova tendência ou nova forma de arte escrita brasileira, mas na sua essência como simbolismo da reprodução textual da realidade, através de uma observação meticulosa e eficaz das peculiaridades espaço-temporal da sociedade que se propôs exprimir, deixando transparecer o aspecto principal do Naturalismo, em inteira consonância com o que afirma Candido em sua tese sobre essa escola:

*...para o Naturalismo a obra era essencialmente uma transposição direta da realidade, como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro, registrando (teoricamente sem interferência de outro texto) as noções e impressões que iriam constituir o seu próprio texto.* (1998. Pág. 111).

Ao longo dos vinte e três capítulos, em suas mais de cento e vinte páginas de enredo, o romance traz uma manifestação artística que coloca em evidência a problemática social da época. Com veemência, representa a sobrevivência coletiva miserável, em conflito com o retrato típico de uma ascensão social burguesa, revelada na trajetória do protagonista. A hostilidade do convívio social em comunidades pobres fluminenses impulsiona uma interpretação aparentemente reprodutiva da realidade, como se fosse mera cópia de conteúdos históricos. Mas o que ocorre, de fato, é uma rica representação artística da degradação do homem pelas suas vicissitudes e por paixões rebaixadas, comparadas com instintos animais, postas em evidência no enredo, que contempla grandes contradições: por um lado, a proliferação de miseráveis que se aglomeram em habitações subumanas; por outro lado, o desejo de acumular riquezas através da exploração servil. Como bem assevera Candido: “*A originalidade do romance de Aluísio está nessa coexistência íntima do explorado e do explorador, tornada logicamente possível pela própria natureza elementar da acumulação...*”. (1998. Pág. 113). No enfoque da ascensão burguesa do protagonista, o enredo destaca João Romão como o único personagem a emergir de um polo a outro.

Os numerosos personagens são construídos de forma a possibilitar uma variação de temas que conseguem mostrar um amplo e satisfatório panorama da sociedade que se propõe descrever e refletir. Trata-se do privilégio dado à coletividade, característica relevante do Naturalismo. Vários personagens formam núcleos temáticos próprios, como o caso do

português Jerônimo, que se abriga da pior forma possível, se degradando, principalmente pelo álcool e pelo convívio com Rita Baiana, depois de ser hospitalizado em batalha corporal com o capoeirista Firmo, antigo amante dela, e tê-lo covardemente assassinado por vingança, em conluio com comparsas. Bertoleza, por sua vez, representa não apenas a condição indesejável da escravidão, mas o papel principal da exploração social do sistema retratado. Ela é vítima da exploração, da dissimulação, da ganância e da crueldade sem tamanho de João Romão e do sistema como um todo. Como vemos, há todo um quadro complexo, do ponto de vista quantitativo e de relações humanas, de representações que podem ser mapeadas por categorias temáticas específicas.

Mas o destaque aqui dado à temática da inveja justifica-se pela importância que esse sentimento revela no perfil dos dois únicos personagens ricos do romance. A figura do João Romão, transitando da fundação do cortiço à sua urbanização, o marca bem como homem avarento, ambicioso e desonesto que, motivado pelo objetivo insano de fazer fortuna a qualquer custo, é capaz de tudo para consegui-la. Comete as mais mesquinhas e inimagináveis velhacarias, até lograr êxito em seu intento. Miranda, em ampla concorrência com João Romão, rivaliza em grande parte da obra por questões diversas, sobretudo em referência à ascensão do rival. Essa oposição gera momentos férteis para a observação das manifestações mais contundentes da inveja, paixão inerente à relação conflituosa dos dois protagonistas configurando argumento estrutural da obra.

### 3. Mapeamento da categoria na obra

Dentre os trechos da obra, podemos classificar sugestivamente dois tipos básicos de manifestação de inveja: as motivadas pela condição econômica do invejado, cujo alvo se expressa de forma objetiva e as relacionadas ao *status* social, expressas de forma mais subjetiva quanto ao alvo e à motivação. A partir da oitava página, no segundo capítulo do romance, encontram-se as primeiras manifestações. O narrador detalha a lamentação do personagem Miranda por se supor encontrar-se em condição vexatória em comparação ao vendeiro João Romão, principalmente com relação a sua perspicácia para fazer fortuna. Tivera ele de aturar a infidelidade conjugal de sua esposa – mais um motivo para sua angústia diante do vizinho, conforme seu julgamento. Recebera dela um dote que o humilhava, pois se tratava dos condicionantes recursos que assegurava sua posição social e, por conseguinte, o estabelecimento e a manutenção de seu negócio de fazendas por atacado. Não apenas a astúcia do rival, mas também a referida infidelidade de sua esposa eram motivos de comparação a seu desfavor, uma vez que não havia sido necessário ao seu invejado se submeter a traições de esposa alguma para enriquecer. *“ele, que se tinha na conta de invencível matreiro, não passava afinal de um pedaço de asno comparado com o seu vizinho!”*. (AZEVEDO. Pág. 08). Denuncia o onisciente narrador dos inconformados devaneios de Miranda.

E a narração dos pensamentos do invejoso prossegue, na página seguinte, ainda no segundo capítulo da obra, demonstrando o doloroso incomodo do invejoso diante da suposta superioridade do outro nas divagações a respeito da felicidade e da liberdade que João Romão desfrutava, justificando a contragosto que, por tais motivos, o invejado era digno de viver descomplicado no Brasil da mesma maneira de que quando chegara de Portugal. Julgava ele que, diferente de si, o vendeiro tinha o direito, a ele negado, devido às circunstâncias, de comprazer-se com a vida, visto que mesmo que viesse a se casar não estaria ele condicionado a aceitar qualquer comportamento similar ao de sua esposa Estela.

Considerando as muitas características comparativas entre os personagens, como, por exemplo, a felicidade, a sagacidade e principalmente a submissão à infidelidade conjugal, tais ocorrências se manifestam, quanto ao objeto invejado, de forma subjetiva. Todavia não podemos negar que a principal motivação e foco da inveja de Miranda por João Romão estão diretamente condicionados à suposta superioridade econômicas do vendeiro (principalmente do tocando à forma astuciosa de conseguir fortuna), conforme nos evidencia claramente a passagem abaixo qualificando, sem dúvida, a primeira tipificação nas ocorrências.

*Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse é que havia de ser a vida!... Filho da mãe, que estava hoje tão livre e desembaraçado como no dia em que chegou da terra sem um vintém de seu! esse, sim, que era moço e podia ainda gozar muito, porque, quando mesmo viesse a casar e a mulher lhe saísse uma outra Estela, era só mandá-la para o diabo com um pontapé! Podia fazê-lo! Para esse é que era o Brasil!*

*- Fui uma besta! repisava ele, sem conseguir conformar-se com a felicidade do vendeiro. Uma grandíssima! No fim de contas que diabo possuo eu?... Uma casa de negócio, da qual não posso separar-me sem comprometer o que lá está enterrado! um capital metido numa rede de transações que não se liquidam nunca, e cada vez mais se complicam e mais me grudam ao estupor desta terra, onde deixarei a casca! Que tenho de meu, se a alma do meu crédito é o dote, que me trouxe aquela sem-vergonha, e que a ela me prende como a peste da casa comercial me prende a esta Costa d'África? (AZEVEDO. Pág. 09).*

Na altura do quinto capítulo da obra, mais precisamente da vigésima quinta página, podemos observar a primeira ocorrência de inveja relacionada ao *status* social do invejado, segunda tipificação mencionada. As lavadeiras que tinham inveja do tratamento diferenciado que o vendeiro dispensava a Piedade de Jesus, devido aos lucros que o esposo dela, seu melhor empregado, Jerônimo, o proporcionava na pedreira, “*E, sempre que a Piedade de Jesus ia lá à taverna fazer as suas compras, a fazenda que lhe davam era bem escolhida, bem medida ou bem pesada.* (AZEVEDO. Pág. 25).”. Também é possível observar no capítulo nove, mais um curioso exemplo de inveja, quando Nenen declara a Léonie que “*a invejava do fundo do coração*” (AZEVEDO. Pág. 52), motivada por tudo que aquela dama representava não só a ela, mas a todas as mulheres em paupérrima situação no cortiço. Léonie era rica, elegante, educada e séria no trato com as mulheres do cortiço que a admirava sobremaneira. Essa ocorrência resume as características das duas tipificações. Pois apesar de sua condição de prostituta, Léonie usufruía não apenas de melhor situação econômica, mas de um *status* social ambicionado por muitas do cortiço São Romão. Apesar dessas ocorrências específicas não estarem relacionadas diretamente ao objetivo maior do trabalho, o conflito dos dois protagonistas, ratificam ainda mais o enlevo da categoria na obra.

Reafirmando mais uma vez o elevado grau de importância da ocorrência da categoria da inveja, o décimo capítulo é o momento marcante da obra em que sucedem as peripécias mais relevantes para a perfeita observação do seu aspecto naturalista. É neste corte que aparece o valor condicional que faltava para dar verossimilhança à mudança de comportamento de João Romão diante da vida. Enfim o necessário argumento cientificista da sobrevivência do mais forte se consolida em *O Cortiço*. João Romão “*invejava agora o Miranda, invejava-o deveras, com dobrada amargura do que sofrera o marido de Dona Estela, quando, por sua vez, o invejara a ele*”. (AZEVEDO. Pág. 56). Denuncia o narrador nesse capítulo destinado, quase que exclusivamente, a mencionar o agradecimento por Miranda

do nobiliárquico título de barão e seus desdobramentos, mais precisamente o rebuliço que causou no cortiço e, principalmente, a reação de João Romão diante da comenda do desafeto vizinho.

*Ah! ele (João Romão) esse dia estava intolerante com tudo e com todos; por mais de uma vez mandara Bertoleza à coisa mais imunda, apenas porque esta lhe fizera algumas perguntas concernentes ao serviço. Nunca o tinha visto assim, tão fora de si, tão cheio de repelões; nem parecia aquele mesmo homem inalterável, sempre calmo e metódico.*

*E ninguém seria capaz de acreditar que a causa de tudo isso era o fato de ter sido o Miranda agraciado com o título de Barão. (AZEVEDO. Pág. 56).*

É importante mencionar conforme elucida o narrador em consequente que o fato de o vizinho ser rico, ter bajuladores, participar de festas, receber pessoas importantes em sua casa etc. nada disso lhe tinha despertado a paixão com tamanho sofrimento, mas aquele título tirou o sossego do miserável sovina. O simbolismo do baronato deixa transparecer a motivação, a raiz da inveja do vendeiro pelo consorte. O título levou o invejoso a perceber que não bastava ser rico, mas usufruir da riqueza: o que ele não sabia fazer recluso em seu mundo mesquinho de privações voluntárias. O que a ele não tinha ainda se apercebido possível. O referido capítulo é crucial para a economia textual do romance por trazer com veemência a qualificação da segunda tipificação da inveja. Apesar de mais subjetiva, devido ao fato de comportar uma miscelânea de sentimentos outros, a inveja do *status* social é a principal motivação, o título representa apenas o estopim para o vendeiro se aperceber de sua degradante condição. É essa tipificação que sustenta a enredo, demonstrada no trânsito de João Romão de um extremo a outro da escala social impulsionado pelo sentimento invejoso. A passagem da obra, a seguir, dentre outras de igual importância, é uma confirmação cabal de sua dor diante do modo de vida invejado e de sua mudança de atitude motivado pela inveja do barão:

*Fora uma besta!... pensou de si próprio, amargurado: Uma grande besta!... Pois não! por que em tempo não tratara de habituar-se logo a certo modo de viver, como faziam tantos outros seus patrícios e colegas de profissão?... Por que, como eles, não aprendera a dançar? e não frequentar sociedades carnavalescas? e não fora de vez em quando à Rua do Ouvidor e aos teatros e bailes, e corridas e a passeios?... Por que se não habituara com as roupas finas, e com o calçado justo, e com a bengala, e com o lenço, e com o charuto, e com o chapéu, e com a cerveja, e com tudo que os outros usavam naturalmente, sem precisar de privilégio para isso?... Maldita economia! (AZEVEDO. Pág. 60).*

Ele que nunca teve dúvida de seu intento doentio de enriquecer submetendo-se as mais sacrificantes privações, agora se via na dúvida “*Qual seria o melhor e o mais acertado: - ter*

*vivido como ele vivera até ali, curtindo privações, em tamancos e mangas de camisa; ou ter feito como o Miranda, comendo boas coisas e gozando à farta?...”* (AZEVEDO. Pág. 57).

Ainda no décimo capítulo, quanto Miranda o convida a sua casa para um chá. Depois de sentir-se ofendido, e ainda angustiado, começa a ponderar a possibilidade de aceitar o convite, por mais que lhe provocasse sofrimento de ceder aos caprichos do invejado, imaginando-se bem vestido e bem tratado pelo anfitrião e pelos convivas – pela inveja, o comportamento do João Romão começa a se transformar.

Daí então, o vendeiro passa a ambicionar viver de forma a transparecer sua riqueza e elevar-se na pirâmide social: civilizar-se. Comumente a sua perceptível mutação, inicia-se a preocupação em mostrar-se mais importante que o vizinho barão começando por transformar o próprio cortiço “...abriria as portas em arco, suspenderia o teto e levantaria um sobrado, mais alto que o do Miranda e, com toda a certeza, mais vistoso. Prédio para meter o do outro no chinelo...”. (AZEVEDO. Pág. 100).

João Romão articulando, juntamente com Botelho, controverso personagem, inserir-se da família do invejado através do casamento com sua filha Zulmira, caminha para o êxito do seu novo e não menos audacioso e astuto intento: usufruir e tomar a fortuna da família da futura esposa e adquirir um título maior que o do sogro invejado.

*Mas, só com lembrar-se da sua união com aquela brasileira fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desensofrida avidez da sua vaidade. (...) caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía, realizando-se deste modo um velho sonho que o vendeiro afagava desde o nascimento da sua rivalidade com o vizinho.*

*E via-se já na brilhante posição que o esperava: uma vez de dentro, associava-se logo com o sogro e iria pouco a pouco, como quem não quer a coisa, o empurrando para o lado, até empolgar-lhe o lugar e fazer de si um verdadeiro chefe da colônia portuguesa no Brasil; depois, quando o barco estivesse navegando ao largo a todo o pano - Tome lá alguns pares de contos de réis e passe-me para cá o título de Visconde!* (AZEVEDO. Pág. 111).

Todo esse desencadear de acontecimentos que caracteriza a mudança de atitude de João Romão e conseguinte o argumento maior da obra, são motivados exclusivamente pela paixão, uma vez que ele não se sente à vontade com aquela relativa submissão ao *status* social do invejado. Sua inveja o motiva a tramar contra a família de Miranda. São essas e mais algumas ocorrências que nos traz o vigésimo primeiro capítulo, evidenciando a elucidação da paixão inveja como aspecto sobressalente na obra.

#### 4. A inveja – categoria em análise

*“A Inveja é uma admiração que se dissimula. O admirador que sente a impossibilidade de ser feliz cedendo à sua admiração toma partido de invejar.”.*  
(KIERKEGAARD)<sup>3</sup>

A inveja é uma das mais complexas e controversas paixões do homem. Complexa porque, por vezes, pode ser confundida com outros sentimentos mais das vezes positivos como a competição, o simples desejo, a ambição ou até mesmo a admiração. Controversa pelo fato de que, mesmo sendo condicionada e suplementada por outros sentimentos salutares, não se pode contestar sua natureza negativa. Nela se encerra de forma peculiar semelhanças ou mesmo certa composição com a admiração; mas, de acordo com Mezan (1987, pág. 117): *“Apesar das aparências, a admiração e a inveja não pertencem à mesma categoria de afetos,...”*, resume em sua manifestação um olhar negativo que vai além do simples querer, o que a aproxima da violência e da agressividade ao outro e denota a tristeza pela felicidade alheia possuidora de algo que não pode pertencer ao invejoso e ao invejado ao mesmo tempo. O sofrimento não apenas por não ter a coisa desejada, mas pelo simples fato da suposição de existência de felicidade no outro em possuir o objeto do desejo. O sentimento instintivo leve ou doentio da inveja, considerando a complexidade de sua constituição, tem essência subjetiva apesar de por mais das vezes estarem vincularas a algo específico que pertença ao outro.

Dentre as mais variadas paixões, a inveja é explorada na obra como fenômeno natural das relações sociais. Assim foi definida essa categoria de análise, o que se mostrou bastante adequada diante do corpus preestabelecido. Tentaremos trazer à tona a discussão das caracterizações e peculiaridades do fenômeno da inveja nesta análise.

---

<sup>3</sup> Kierkegaard, Søren Aabye, *Diário de um sedutor ; Temor e tremor ; O desespero humano / traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro.* — São Paulo : Abril Cultural, 1979. Pág. 392 – 393.

#### 4.1. Breve historicidade da categoria

Na idade antiga, dos poemas de Ovídio, que personifica a inveja como um ente monstruoso de olhar perdido que ignora o sorriso e vive em permanente suplício a lhe dilacerar a vida diante da visão do sucesso dos homens, ao conceito de inveja de Aristóteles relacionado ao critério de proximidade entre invejoso e invejado, essa paixão instiga a mente humana desde sempre.

O Aurélio, dicionário da língua portuguesa, nos traz duas definições substantivas para o verbete inveja: “1. Desgosto ou pesar pelo bem ou pela felicidade de outrem” e “2. Desejo violento de possuir o bem alheio.”. O que reitera e reforça a ideia da inveja como um sentimento de caráter nocivo e cruel. A primeira definição nos leva a inferir certa indefinição, ou mesmo, extrapolação na direção do olhar de cobiça do invejoso a um objeto material específico. O alvo da inveja pode ser extremamente abstrato, como a angústia da alegria alheia. Sentir tristeza pela felicidade de outra pessoa. Com relação ao segundo conceito, explicita-se não apenas a ideia de possuir o algo alheio, mas dispô-lo agressivamente, causando dor ou sofrimento ao invejado. Por vezes não contentar-se em subtrair, roubar, furtar o bem alheio com os olhos, mas querer felicitar-se com a tristeza da hipotética perda do bem por parte do outro.

Isso nos retome à origem da palavra: do latim *invidia*, in (em) e videre (olhar), inveja, etimologicamente, está intimamente ligada com lançar o olhar no outro. A inveja está nos olhos cegos de quem não ver a si mesmo. Ignora-se para perceber no outro um alvo de um desejo angustiante.

Os textos sagrados do Cristianismo também nos presenteiam parábolas que exploram a temática do fenômeno da inveja. É o caso de Caim e Abel, uma das primeiras fábulas da Bíblia em que o irmão Caim acaba por assassinar o irmão Abel por ter sido aceito por Deus e ele não:

“4.... O Senhor aceitou com agrado Abel e sua oferta,<sup>5</sup> mas não aceitou Caim e sua oferta. Por isso Caim se enfureceu e o seu rosto se transtornou.

(...)

8. Disse, porém, Caim a seu irmão Abel: "Vamos para o campo. Quando estavam lá, Caim atacou seu irmão Abel e o matou.". (GÊNESIS, 4:8).

Outra fábula do primeiro livro da Bíblia nos remete a relação de outros dois irmãos Esaú e de Jacó cuja trama consiste no fato de Jacó ter usurpado a herança e a bênção paterna do irmão se passando por ele e enganado ao pai, motivado pela inveja. Essa fábula serve

como intertexto para o romance Esaú e Jacó sabiamente explorado pelo brasileiro Machado de Assis, grande expoente da literatura de língua portuguesa.

Grandes obras da Literatura universal também abordam o universo da inveja, a exemplo da peça de William Shakespeare, *Otelo – O mouro de Veneza*. Obra em que Iago, o antagonista, trama, por inveja, prejudicar Otelo, representante militar virtuoso e vitorioso, incitando-o a desconfiar da fiel esposa, Desdemona. O invejoso logra êxito, pois o militar, por ciúme, assassina a esposa amada.

Já no universo psicanalítico, Melanie Klein, psicanalista austríaca, em sua obra *Inveja e Gratidão*, discorre sobre as fontes inconscientes da inveja no ser humano desde a mais tenra idade. Para ela a inveja é apresentada primitivamente como manifestação de impulsos destrutivos cuja dinâmica reflete no desenvolvimento da criança e na formação do caráter do homem adulto. Do ponto de vista da psicanálise é uma das obras mais completas sobre o assunto.

Estudada desde tempos imemoriais é, como vemos, muito explorados em diversos campos do conhecimento e, como não poderia deixar de ser, na Literatura por se tratar de uma das paixões mais característica na natureza humana.

#### 4.2. Mezan em *O Cortiço* – acepções e correlações

*“A Inveja não goza de boa reputação” (Mezan).<sup>4</sup>*

O capítulo “*Inveja*” em “*Os sentidos da Paixão*”, escrito pelo psicanalista Renato Mezan é bastante elucidativo quanto à conceituação da inveja e às correlações com as manifestações dessa paixão presente em “*O Cortiço*”, principalmente na interação dos dois personagens protagonistas Miranda e João Romão.

Uma inequívoca manifestação que corrobora com uma das primeiras abordagens do capítulo sobre a categoria está presente em uma passagem memorável da obra. Momento em que Miranda se fragiliza e sofre pela comparação com o seu invejado João Romão. Apesar de seus olhos de cobiçosos se direcionarem à fortuna do vendeiro, esse deixa transparecer não apenas o desejo de subtração do bem alheio, mas seu sofrimento pelo fato da alegria do outro. O narrador então lhe dar voz e explica em seguida o ímpeto do personagem que de forma espontânea, indetermina seu olhar do motivo principal, lançando-o à felicidade alheia que o faz amargurar-se. “- *Fui uma besta! repisava ele (Miranda), sem conseguir conformar-se com a felicidade do vendeiro. (AZEVEDO. Pág. 09).* A exclamação exprime a intensidade, a agressividade e o conflito interior de não aceitação do seu suposto fracasso diante do invejado. Como também demonstrando sua indeterminação e inconclusão, não só pelo alvo de seu negativo sentimento, mas por todas as circunstâncias que provoca sua angústia. Miranda não queria apenas que o vendeiro não tivesse fortuna, mas que não tivesse a conseguido por meios que ele não fora capaz de conseguir, ou mesmo que o vendeiro perdesse tudo, ele sofre pelas motivações, suas consequências e o tudo que resultou naquilo que seus olhos não aceitam.

*...a inveja tem parentesco com o desejo, a agressividade, a astúcia e a sagacidade, o roubo e a rapina; há algo nela que tem a ver com os olhos; seu objeto é indeterminado, variando do ‘qualquer coisa’ ao ‘tudo’; ela não é um sentimento simples, mas envolve algo como uma oscilação entre a distância e a coincidência, bem como fatores ligados à intensidade, à rapidez, ao involuntário; remete a um certo conflito, do qual resulta essa impressão de movimento esboçado e inconcluso. (MEZAN 1987, Pág. 119).*

As relações metapsicológicas<sup>5</sup> destes diferentes aspectos inerentes à inveja remete ao que o próprio autor discute no mesmo capítulo. Para ele há um conflito psicológico entre

---

<sup>4</sup> MEZAN, Renato. “A inveja”. In: NOVAES, Aauto (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, Pág. 117.

impulso e defesa na manifestação do princípio fundamental do funcionamento psíquico do homem que é evitar o desprazer, principalmente quando do gozo das paixões: a inveja, por sua vez, inclusa. Quanto se mensura na inveja o involuntário, o indeterminado e o inconcluso percebe-se o mecanismo do impulso. Algo arrebatador que de forma intensa e rápida faz o invejoso sofrer. Trata-se do mecanismo negativo, visto que se manifesta o ódio imotivado e a não aceitação da felicidade do outro, é o resultado do olhar angustiante, da admiração negada. O sentido invejoso propriamente dito. É a manifestação da sensação, do fenômeno da inveja.

O mecanismo de defesa por sua vez se resume no bem motivador da inveja. Mezan salienta que tal idealização remete a um algo considerado único. Único porque independente do bem não pode pertencer ao invejoso e, pertencendo ao invejado, o provoca indesejada felicidade. O objeto de desejo na verdade é apenas um instrumento de defesa para não admitir o ódio imotivado. Uma fuga para não reconhecer apenas um desejo negado de ficar feliz com a subtração do objeto suposto motivo da felicidade alheia. Assim podemos sugerir que o objeto idealizado, e por resumir essa condição de idealização, não exerce real papel na manifestação da inveja.

*O objeto invejado é invariavelmente um objeto idealizado, isto é, sobrevalorizado, no qual se supõe conter atributos extraordinários, quase mágicos. É por esta razão que o suporte empírico deste objeto fantasmático é tido por único, embora possam existir muitos exemplares da mesma categoria. Nesse objeto idealizado, portanto, existe um fator que não provém do próprio suporte, nem do detentor deste último, mas sempre, e sem exceção, da fantasia do invejoso. (MEZAN 1987, Pág. 126).*

Essa discussão rica evidencia a pertinência das acepções quando refletimos sobre a relação dos protagonistas em *O Cortiço*. A amargura de Miranda é estarecedora diante da fortuna de João Romão. Ele é rico tal qual o vendeiro. Todavia a especificidade do dinheiro do vizinho (objeto, alvo) está no fato da maneira com que conseguiu se dá bem, os aspectos correlatos, no subjetivo, no tudo que aquela fortuna representa de esperteza que ele se julga não possuidor. Ainda se ele fosse muito mais rico, não iria deixar de ser triste, pois o vendeiro iria continuar rico e a seu julgamento feliz e desembaraçado na vida, sem o estorvo de uma esposa infiel como fiadora da riqueza. O seu fracasso em não realizar o sonho de enriquecer

---

<sup>5</sup> O termo metapsicologia foi cunhado por Freud em seus estudos sobre as relações entre o inconsciente e a consciência para designar um conhecimento psicológico que considere as dimensões tópica, dinâmica e econômica do psiquismo, que se mostram nessas relações. É uma área de estudos da psicologia dedicada ao estudo de fenômenos dos quais a chamada psicologia empírica não se propõe a estudar, por não serem acessíveis ao conhecimento pela experiência e que não pode ser provado pelo método científico proposto pelo positivismo para as ciências. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metapsicologia>

sem sobressaltos e ver no outro a fortuna, a seu ver, conseguida da melhor forma possível era o que fazia o objeto do seu desejo único: *“Filho da mãe, que estava hoje tão livre e desembaraçado como no dia em que chegou da terra sem um vintém de seu!”* (AZEVEDO. Pág. 09).

Para que ele ficasse feliz era necessário que o vendeiro não tivesse conseguido fortuna e, melhor ainda, que não existisse possibilidade de alguém enriquecer daquela forma. A subjetividade e a miscelânea de sentimentos que constitui a inveja são variadas e imprecisas. Embora possamos mensurar um objeto idealizado como instrumento de defesa do invejoso, como justificativa para seu nefasto sentimento. Que no caso de Miranda era sem dúvida motivada pela astúcia do seu invejado em conseguir riqueza: o objeto idealizado fortuna era a sua admiração negada.

Por outro lado acontece o mesmo com João Romão em relação a Miranda quando do recebimento do título de Barão. Sem dúvida, o título de nobreza se transfigurou na justificativa para o impulso do ódio de não ter a mesma vida social do vizinho. A clareza de seu fracasso diante da vida em ser tão rico e sempre ter vivido como escória social. Sua doentia trama em tomar tudo do outro português e comprar um título ainda mais importante, denunciado pelo narrador: *“Tome lá alguns pares de contos de réis e passe-me para cá o título de Visconde!”*. (AZEVEDO. Pág. 111)., evidencia a natureza complexa da fenomenologia da inveja na presença da sua cobiça, sem deixar de querer destruir a felicidade do patricio.

Outra correlação subjacente na obra com as discussões de Mezan quando trata da relação da idealização e narcisismo quanto ao objeto desejado, nos remete a projeção que ambos os protagonistas fazem um do outro como ideal de perfeição. Ideal daquilo que eles acreditam ser um privilégio tamanho que caso eles o possuísse, desde que subtraído do outro, seriam felizes. Todavia o aspecto narcísico que o autor fala torna impossível tal supressão do bem do invejado e, por conseguinte, a possessão desse bem pelo invejoso uma vez que se trata de um ideal de perfeição impossível de ser mensurado e atingido. *“...a pessoa invejada é sentida como detentora de um privilégio e que a inveja se constitui por meio de um movimento que visa a arrebatá-la tal privilégio...”* (1987, pág. 130).

Na obra é evidente que Miranda jamais atingirá o ideal de riqueza de João Romão uma vez que é incomensurável. Não se trata de ser rico simplesmente. Ele já o é. Trata-se daquela riqueza conseguida daquele modo. Impossível de ser tomada do vendeiro. E mesmo que o inimigo se tornasse miserável e ele multiplicasse sua fortuna ainda assim não teria a conseguido daquela forma perfeita idealizada. Aquele objeto único era simplesmente

inatingível. Com João Romão em relação a Miranda não é diferente. Como poderia ele fazer deixar de existir o modo de vida do vizinho e se apossar dele? Por mais que se tornasse inserido na sociedade e por mais breve que isso pudesse acontecer não seria o ideal que projetara. Simplesmente não existir o modo de vida do consorte, seu título de nobreza, ou mesmo se existisse a possibilidade de subtrair tudo do invejado não apagaria seu sofrimento em se sentir inferior pela sua condição de vida distante do seu ideal.

Refletindo as acepções do relevante psicanalista podemos sugerir que ambos os personagens estavam condenados ao cárcere inescapável da inveja. Por seu objeto ideológico impossível de pertencer ao invejoso e ao invejado ao mesmo tempo, a inveja tem por natureza a inconclusão. É inconcebível a resolução de um conflito interior sofrido por alguém quando tal conflito se caracteriza pela tristeza da felicidade de outra pessoa detentora de um objeto idealizado impossível de ser subtraído e possuído pelo paciente do conflito. Elucidamos então que os exemplos de ocorrências da categoria em análise, observadas na inter-relação dos protagonistas, evidenciam as acepções de Mezan com rica correlação.

### 4.3. Invejosos invejados – a infelicidade dos iguais

*“Sentirão, pois, inveja aqueles que são ou parecem ser nossos pares, entendendo por pares aqueles que são semelhantes a nós em estirpe, parentesco, idade, disposição, reputação e posses.”. (ARISTÓTELES).<sup>6</sup>*

A característica marcante da obra em se tratando da inveja é sem dúvida a reciprocidade do fenômeno nos personagens Miranda e João Romão, aquele, motivado, dentre outras causas correlatas, pela prosperidade e crescente fortuna do vendeiro e esse, principalmente, pela posição social a qual se situava o comerciante português, que não deixa de ser curioso e de peculiaridade singular como matéria de reflexão, uma vez que traz o aspecto comparativo da inveja à tona de forma veemente. Desta relação podemos inferir uma característica substancial da inveja (retomando a epígrafe) que é a relação de semelhança entre invejosos e invejados: *“A primeira característica da inveja, além de ser envergonhada, é que ela jamais se refere a alguém distante. Sempre a alguém próximo.” Karnal (2013)*. O que corrobora com a elucidação de mais alguns aspectos quanto às motivações dos protagonistas em invejar um ao outro.

No caso do Miranda a motivação tem relação direta com a admiração (uma admiração não admitida, negada, sofrida) pela fortuna do outro. E considerando a carga de subjetividade do sentimento do português, podemos inferir que o modo como a fortuna foi, segundo a cegueira do invejoso, facilmente conseguida. Como já reiterado, o sofrimento do invejoso é gratuito, sem a intervenção do invejado. Nada fez João Romão para provocar a inveja em Miranda. Apenas nos olhos o invejoso sofria com a comparação. Percebemos que quanto ao poder econômico ambos não tinham muita distância. Não fazia sentido o comerciante de fazendas por atacado se sentir fracassado em relação ao dono de um cortiço. Mas a perspicácia, a astúcia com que a fortuna havia sido conseguida inquietava o invejoso e o punha em posição inferior em virtude da submissão de suas posses ao dote de sua esposa. Assim fica elucidada a subjetividade marcante no sentimento de Miranda, a fortuna do vendeiro como objetivo principal e a admiração como raiz de sua inveja pelo vendeiro.

No caso João Romão, podemos tecer também algumas reflexões bastante elucidativas. A motivação do vendeiro tem relação inequívoca com a cobiça (uma cobiça odiosa e exagerada), ele desejava não apenas o título com que o vizinho havia sido agraciado. Sofria com o fato das repercussões do sucedido por não ser ele o motivo das badalações. Viu-se

inferior socialmente à família do invejado. O título que ele não admitia no vizinho. João Romão não queria apenas o título do outro, queria tudo que o pertencia, queria ser como ele. O fato do título apenas o evidenciou como uma pessoa a margem da sociedade e lhe trouxera dúvidas quanto as suas privações de vida para adquirir uma fortuna que agora sem vida social não fazia sentido. Desse modo a inveja de João Romão por Miranda se manifestou de modo mais objetivo, caracterizado pelo intuito de um título de nobreza ainda maior que o de Barão, desejava agora o de Visconde conforme trecho da obra. E a raiz de sua angústia era sem dúvida a cobiça característica de sua personalidade durante todo o enredo.

Outro fato, sem dúvida, encerrado na análise é a cegueira interior, uma vez que ambos se invejavam por não se aperceberem. Não haveria motivos de Miranda se inferiorizar sua vez que era tão bem sucedido economicamente quanto o outro. Privações e sacrifícios ambos sofreram para conseguir suas fortunas e quanto ao *status social* que o vendeiro se martirizava em relação ao outro também não faria muito sentido se soubesse da vida de aparências que o outro vivia.

---

<sup>6</sup> ARISTÓTELES. Retórica das paixões. Notas e tradução do grego Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes. 2000. Pág. 67.

#### 4.4. E a inveja boa?

*“A inveja é estratégia para fugirmos do confronto. (...) Para vencê-la devemos sair em campo aberto, arriscarmo-nos, finalmente enfrentar o inimigo em campo frente a frente.” (ALBERONI).<sup>7</sup>*

Essa pergunta nos remete a reflexões igualmente indagativas com relação à essência da inveja, se o fato de se entristecer com a felicidade ou se felicitar com a tristeza alheia, pode-se supor algo proveitoso. O que dizer do universo de indiferença que tão bem nos apresenta Azevedo na obra? Todas as motivações dos protagonistas em relação ao outro não se norteavam por sentimentos nobres. Ambos sofriam com a felicidade do outro. Em conformidade com os postulados explorados aqui, também não há nada de positivo na categoria na obra. O que se evidencia na pertinente abordagem literária dessa paixão em *O Cortiço*.

Sabemos que *“Contrariamente a outras emoções (...), como o medo, o amor, a esperança ou até o ciúme, a inveja é dificilmente confessada, e, quando o é, costuma vir acompanhada do qualitativo ‘saudável’.” Mezan (1987, pág. 117)*. Mas não existe inveja saudável. Para Leandro Karnal não há nada de positivo em invejar. Do contrário é mais percepção de fracasso pessoal pela não aceitação do sucesso de alguém próximo. Para o historiador e palestrante mesmo que alguém possa mencionar que sua inveja é do bem é um modo de não admitir que se angustie com a felicidade do outro. *“Dizer que existe uma inveja branca é não entender o que é inveja. Inveja nunca é positiva. Inveja é sempre tristeza pela alegria alheia e isso nunca pode ser positivo.” (2013)*.

Podemos analisar, todavia, como essa paixão fundamentalmente negativa, indesejável e inconfessada pode motivar um processo de superação e autoconhecimento.

Em se tratando de sociedade, é natural que as pessoas busquem melhores formas de viver. Essa máxima está inerentemente ligada à ideia de sucesso na vida. Desejo e julgamento, suporte do nosso ser, estão diretamente ligados à comparação com o outro que por sua vez são fontes do fenômeno da inveja. Como então buscar no cárcere da inveja uma saída? Mergulhado na paixão não há escapatória, a fuga está em um olhar afastado. A saída mora em um olhar de fora. Tem-se que se externar para ver. Temos que escolher outro sentimento. Dentro da complexidade de sentimentos que a constitui como a admiração e a cobiça, por

---

<sup>7</sup> ALBERONI, Francesco. “Os invejosos – Uma investigação sobre a inveja na sociedade contemporânea”. Trad. Elia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Pág. 180.

exemplo. Não negar a admiração e não idealizar uma pretensão ao ponto de inviabilizar a conquista. Sobretudo, é preciso coragem para reconhecê-la e decidir por outros caminhos.

Admitir a inveja é um dos caminhos de percepção do próprio fracasso e do mérito no outro. Não fugir da comparação, da competição e do aprendizado com o sucesso alheio: a emulação é a escolha inteligente.

*“...é preciso ânimo para enfrentar as adversidades, coragem para recomeçar após um fracasso, transparência para admitir a própria mesquinhez. E é preciso também qualidade que certamente nada tem a ver com a rigidez, mas com a abertura, o otimismo, a alegria. Uma qualidade brilhante que nos leva para os outros. Um impulso vibrante em direção a tudo o que, espontaneamente, estaremos dispostos a admirar.” (ALBERONI – 1996, Pág. 182).*

Diante de um mundo de possibilidades de sucesso, se individualizar em uma guerra solitária de exclusão mentindo para si a vida não é salutar. Tal sentimento não pode ser considerado bom nem para o indivíduo nem para a sociedade. As escolhas são: se corroer em infidas amarguras ou se aperceber do fracasso e procurar se superar. Pertencer ao mundo sem se isolar, aprender com as boas experiências sem medo da vida. Libertar-se da inveja é, sobretudo, fugir do ódio e se permitir amar.

É importante salientar que na obra, apesar da pungente mudança de atitude de João Romão diante da vida em busca de seu cobiçado título de visconde e de Miranda deixar transparecer por vezes uma admiração recontida pelo ex-taverneiro, não há uma exploração da categoria com o objetivo de mostrar uma mudança de conduta pessoal dos protagonistas diante da inveja.

*O Miranda tratava-o já de outro modo, tirava-lhe o chapéu, parava risonho para lhe falar quando se encontravam na rua, e às vezes trocava com ele dois dedos de palestra à porta da venda. Acabou por oferecer-lhe a casa e convidá-lo para o dia de anos da mulher, que era daí a pouco tempo. João Romão agradeceu o obséquio, desfazendo-se em demonstrações de reconhecimento, mas não foi lá. (AZEVEDO. Pág. 76).*

O desfecho trágico, do contrário, reforça a ideia global da exploração temática das vicissitudes humanas. Diante do exposto e condicionado ao que fora dito, não podemos deixar de apreciar a elucidação do desfecho trágico com o intuito de não enveredarmos por discernimentos outros que a imanência da obra possa não permitir. Apesar das amenidades que poderíamos supor dos protagonistas, sobretudo com certa conciliação entre eles, podemos sugerir que o fechamento do ciclo argumentativo da obra é ainda vinculado à categoria analisada. Ora, é justamente pela inveja que João Romão decide mudar de vida, não por

emulação, ambição, competitividade ou todos esses sentimentos juntos, mas pelo simples fato de querer tomar tudo do outro, inclusive a filha, Zulmira, para casamento, como não podia deixar de ser, por simples interesse.

É certo que o alvo de mais uma das vilanias do ex-taverneiro não é o invejado. Com a ajuda de Botelho, personagem de personalidade igualmente duvidosa, ele consegue se livrar de Bertoleza para enfim poder se casar com a filha do consorte.

*...acudia-lhe agora coisa muito melhor: entregá-la (Bertoleza) ao seu senhor, restituí-la legalmente à escravidão.  
Não seria difícil... considerou ele; era só procurar o dono da escrava, dizer-lhe onde esta se achava refugiada e aquele ir logo buscá-la com a polícia. (AZEVEDO. Pág. 116).*

Devido à decisão de mudança, eles tramam a entrega de Bertoleza aos herdeiros do antigo dono da escrava, uma vez que, como sabemos, a suposta liberdade fora um engodo cuja carta de alforria fora falsificada para enganar a então amante. E o que acontece na hora da entrega é o que se segue: Bertoleza se apercebe vítima pela segunda vez e desesperada pela injustiça e pela situação irreversível, decide dar cabo da vida por não suportar a humilhação de voltar à condição de escrava.

*A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.  
Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.  
E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue. (AZEVEDO. Pág. 122).*

Desse modo, não é sem pertinência sugerir que mesmo de forma indireta, o final trágico está relacionado com a inveja de João Romão por Miranda. E que a importância da categoria norteia toda a estrutura da obra mergulhada em um universo de indiferença.

## 5. Considerações finais

Já é sabido que, em se tratando das paixões humanas a inveja é uma das mais comuns. De modo que, desde tempos imemoriais, o homem procurou estudar e entender seus aspectos e sua importância da moldura da sociedade. Vista como essencialmente negativo é um sentimento que nos faz se aperceber de nossas fraquezas e fracassos e nos motiva a mudanças benéficas de atitude quando refletido e racionalizado.

Entendendo a ficção como uma interpretação da realidade, não poderiam deixar de serem exploradas as inúmeras facetas desta paixão na construção das personagens e na estrutura dos enredos e narrativas da literatura.

Grandes clássicos da literatura universal se fundamentam quase ou exclusivamente na fenomenologia desta perturbadora paixão e suas inúmeras possibilidades de peripécias e desfechos trágicos ou meramente dramáticos em mimese da psique humana.

Sustentado pela fundamentação teórica apresentada, vimos que é possível afirmar que em “*O cortiço*” a inveja é uma paixão humana fortemente explorada e colocada como um dos argumentos principais do enredo, sobretudo por se tratar de uma obra do naturalismo em que o universo das paixões é característica predominante dessa escola literária.

Na estrutura do romance a presença da inveja, como vimos, é contundente na relação dos dois protagonistas João Romão e Miranda e na formação da conduta de ambos os personagens. Podemos afirmar também que a inveja contribui para a verossimilhança do desfecho da narrativa caracterizada pelo êxito de João Romão, simbolizando a sobrevivência do mais forte: apelo fundamental da contextualização histórica naturalista baseada no darwinismo social.

Longe de cessar as discussões e reconhecendo outras perspectivas de abordagem sobre o tema, principalmente com relação à categoria *Inveja* na obra *O cortiço*, esperamos humildemente ter contribuído com mais um acréscimo à crítica literária. E por mais elementar que possa ser constatado tal acréscimo que sirva de estímulo para outros infintos estudos.

## 6. Referências

A BÍBLIA, (GÊNESIS, 4:8). Nova Versão Internacional (NVI-PT). Disponível em: <https://www.biblegateway.com/passage/?search=G%C3%AAnesis+4&version=NVI-PT>.

Acesso: 16.04.2018.

ALBERONI, Francesco. Os invejosos – Uma investigação sobre a inveja na sociedade contemporânea. Trad. Elia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ARISTÓTELES. Retórica. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse e Abel do Nascimento Pena. — 2ª edição, revista. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. Disponível em: [https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles\\_-\\_retorica2.pdf](https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf). Acesso: 18.03.2017.

ASSIS, Machado de. Esaú e Jacó. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000030.pdf>. Acesso: 16.03.2018.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000003.pdf>. Acesso: 05.03.2018.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: O discurso e a cidade. 2ª ed. São Paulo: 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 5. ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

FIGUEIREDO, Maria Flávia; FERREIRA, Luis Antonio. Olhos de Caim: a inveja sob as lentes da linguística e da psicanálise. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/view/417>. Acesso: 20.03.2017.

GALVÃO, Jéssica da Silva, BARROSO, Marco Antonio Barroso, RAMOS, Fabrício Oliveira, A influência do paradigma biológico na filosofia entre o final do século xix e início

do século XX. Disponível em:  
[http://www.revistamediacao.com.br/repositorio/volume\\_03/A\\_influencia\\_do\\_paradigma\\_biologico\\_na\\_filosofia\\_entre\\_o\\_finaldo\\_seculo\\_xix\\_e\\_inicio\\_do\\_seculo\\_xx.pdf](http://www.revistamediacao.com.br/repositorio/volume_03/A_influencia_do_paradigma_biologico_na_filosofia_entre_o_finaldo_seculo_xix_e_inicio_do_seculo_xx.pdf). Acesso:  
01.04.2017.

KARNAL, Leandro. Café Filosófico. O pecado envergonhado: a inveja e a tristeza sobre a felicidade alheia. 2013. Disponível em: <http://www.institutocpf.org.br/play/o-pecado-envergonhado-a-inveja-com-leandro-karnal-versao-tv-cultura/>. Acesso: 07/06/2018.

KLEIN, Eliane Maria. Sobre a inveja: compreensão de uma condição humana. Disponível em:  
[ttp://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1034/Moografia%20aprovada%20Eliane%20definitiva.pdf?sequence=1](http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1034/Moografia%20aprovada%20Eliane%20definitiva.pdf?sequence=1). Acesso: 15/03/2017.

KLEIN, Melanie. Inveja e Gratidão. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1974.

MEZAN, Renato. “A inveja”. In: NOVAES, Aduino (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 128-155.

OVÍDIO, Públio Naso. *Metamorfoses* (Livro eletrônico) / Trad. Manoel Bocage. Porto Alegre, RS: Concreta, 2016.

SHAKESPEARE. Otelo – O Mouro de Veneza. Disponível em:  
<http://livros01.livrosgratis.com.br/cv000084.pdf>. Acesso: 05.04.2018.